

“Nós somos os últimos proletários do Brasil!”: associativismo, imprensa e trabalho no Rio de Janeiro da virada do século (1880-1910)

“We are the last proletarians in Brazil!”: associativism, press, and labour in Rio de Janeiro at the turn of the century (1880-1910)

Gabriela Nery*

Resumo: Este artigo analisa o aparecimento da profissão dos repórteres na imprensa do Rio de Janeiro entre as décadas de 1880 e 1900. Foram utilizados, para tanto, estatutos de associações, jornais e outros periódicos, como o *Almanak Laemmert*, atentando-se sempre para o processo de desenvolvimento das empresas jornalísticas e seu impacto na vida dos trabalhadores. Nesse cenário, a trajetória do repórter negro e socialista Gustavo de Lacerda é tratada de forma destacada, a fim de analisar e compreender a centralidade dos repórteres na fundação das principais organizações de imprensa que surgiram no início do século XX, o Círculo dos Reporters e a Associação de Imprensa.

Palavras-chave: imprensa; associativismo; trabalho.

Abstract: This paper analyzes the emergence of the reporters' profession in the press in Rio de Janeiro between the 1880s and 1900s. For this purpose, statutes of associations, newspapers, and other periodicals like *Almanak Laemmert* were used, paying attention to the development of journalistic companies and the impact on the lives of their workers. In this scenario, the trajectory of the black and socialist reporter Gustavo de Lacerda is treated centrally in this research as part of the process of understanding the centrality of the reporter professional group in the foundation of the most expressive press organizations that emerged at the beginning of the 20th century, the Circulo dos Reporters and the Press Association.

Keywords: Press; associativism; labour.

* Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: gabriela_nery@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0908-8793>.

O surgimento dos repórteres nos diários do Rio

O REPÓRTER estaria para o jornalista assim como o boticário estaria para o médico. Mais do que registrada em papel, a ideia foi proferida nos palcos dos teatros cariocas ainda nos primeiros anos do século XX, pela boca de um “médico honrado, mas um tanto ingênuo e um pouquinho ridículo”.¹ A peça intitulada “Retrato a óleo” era de autoria do renomado teatrólogo, comediógrafo e jornalista maranhense Arthur Azevedo, e na obra o tal doutor se via às voltas com um malandro que, na tentativa de lhe tirar algum proveito, se fazia passar por repórter. Nessa ocasião foi Azevedo que não passou despercebido pela crítica, sendo acusado, entre outras possíveis imposturas, de tomar em mau juízo o grupo dos repórteres. O imbróglio foi parar nos jornais e motivou uma resposta.

A réplica veio na primeira página d’*O Paiz*, de 27 de julho de 1903.² Conhecedor das polêmicas e dos polemistas que se arvoravam na imprensa do início do século, especialmente no que dizia respeito à crítica teatral,³ Azevedo deixava claro seu aborrecimento com a indisposição criada. Afirmava que “toda a gente que conhece nossos costumes sabe a que está exposto, no Rio de Janeiro, o pobre-diabo que adquire a antipatia de uma classe inteira...”, e frisava que, se a opinião da personagem certamente não era a mesma que a sua, ela, no entanto, fazia sentido na composição “do espírito” do médico: honestidade, ingenuidade e pinceladas de ridículo compunham aquela personalidade. Por fim, o teatrólogo enveredou-se por uma breve história da profissão dos repórteres no Rio de Janeiro, como para demonstrar simpatia de longa data pelo grupo e conseqüentemente arrefecer o poder das acusações.

De pronto ele afirmava ter sido testemunha da criação da reportagem na capital por conta de sua amizade com João de Almeida, fundador do diário *O Repórter*. Ele ainda destacava que “prestou os mais desinteressados serviços” à folha e que sempre nutriu simpatia e respeito pela profissão. Além disso, definiu que dentro de cada jornalista necessariamente havia um repórter – como forma de colocar os últimos em alta conta –, ao passo que o contrário não seria uma condição dada, apesar de indispensável: em cada repórter era preciso que se criasse um jornalista, a fim de compatibilizá-lo “com o exercício da sua profissão”. Após as considerações e uma perceptível demarcação de hierarquia, Azevedo ainda faria outra análise

Nem sempre assim foi no Rio de Janeiro, e daí, talvez, a frase do médico do *Retrato a óleo*. O repórter correspondia exatamente à significação que dessa palavra nos dá Antônio Vieira, Transtagano, o autor do melhor dicionário que ainda tivemos da língua inglesa: “ele informava alguém de alguma coisa”, era

1 AZEVEDO, Arthur. Os Reporters. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 jul. 1903.

2 Idem, ibidem.

3 PEREIRA, Beatriz da Silva Lopes; GOMES, André Luís. Carpinteiros teatrais, a crítica e o teatro de revista. *Revista Cerrados*, Brasília, v. 27, n. 46, p. 86-104, 2018. MOURA, Alga Ferreira de. Arthur Azevedo, teatro e reforma na capital da República: a cidade nas peças A Capital Federal e Guanabarina (1897-1906). *Mitologias Hoy*, Barcelona, v. 8, p. 59-76, 2013. Ver MENCARELLI, Fernando Antônio. *Cena aberta*: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

um simples informador. A redação, a forma gramatical, a nota impressionista ficavam ao cuidado de um redator.

Hoje temos a reportagem literária, e já figuram na imprensa carioca *reporters* que têm não só gramática, o que é fácil, como também estilo, o que é difícil.

Havia-os, dantes, incapazes de subir um furo acima do mister de informadores.

Uma noite, há muitos anos, vi entrar um deles, muito azafamado, numa sala de redação, e entregar ao redator de serviço duas tiras de papel rabiscadas a lápis, dizendo-lhe: – *Copeia* (sic) *isto!*

Outro, que de uma feita se meteu a redigir por sua conta uma notícia de duas linhas, escreveu o seguinte: – “*Consta que o conselheiro V. morre amanhã*”.

Isto não impedia que já naquele tempo houvesse *reporters* de merecimento, como Ernesto Senna. Este, que sucedeu a João de Almeida, seu mestre e amigo, pode ser considerado o criador da reportagem hoje, que não se limita, como outrora, à simples informação.⁴

As impressões de Azevedo sobre o surgimento da reportagem e do trabalho do repórter são importantes, especialmente porque elas contam sobre algumas das transformações iniciadas no Rio de Janeiro no último quartel do século XIX – e que coincidiram com a chegada do teatrólogo à cidade para assumir um cargo no Ministério da Agricultura. Foi um momento em que imprensa e jornalismo passaram respectivamente a se mercantilizar e se profissionalizar, sob alguma pressão da inovação técnica,⁵ é verdade, mas sobretudo por conta da constituição de um mercado da informação puxado pelo surgimento das empresas jornalísticas, pelas agências de notícias, pelo incremento da publicidade,⁶ além do importante crescimento urbano pelo que passava a capital.

Nesse contexto, a caracterização da figura do informante feita por Azevedo é reveladora, mesmo que ela trouxesse algum exagero, aspecto comum aos discursos interessados e ainda mais evidente naqueles feitos em causa própria. De todo modo, ele não deixava de dar pistas sobre como a produção da notícia acontecia e o quanto ela carecia de especialização e qualificação. Ficava às vistas, também, o seu menor destaque no conjunto do jornalismo praticado no Rio de Janeiro ao menos até a década de 1890, o que seria pouco a pouco alterado com a emergência dos repórteres.

É bom assinalar, diante disso, que muito das notícias que se publicava nos jornais até então chegava aos balcões dos escritórios de maneira voluntária, sendo colhidas pelo redator de plantão sem muitos instrumentos para conferência. Valia nesses casos o juízo e a experiência do plantonista, assoberbado pela rotina e pelas muitas atribuições assumidas

4 Idem, *ibidem*.

5 Cf. ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. **Caminhos na produção da notícia**: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891). 2015. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. SCHUDSON, Michael. **Discovering the News**: A social history of American Newspapers. Nova York: Basic Books, 1981. MOODY, Kim. A Gilded-Age Social Media: John Swinton, Joseph Buchanan and the Late Nineteenth-Century Labor Press. **Labor: studies in working-class history**, v. 15, Issue 1, p. 11-24, 2015.

6 TRAQUINA, Nelson. **Teoria do jornalismo**: por que as notícias são como são? v. 1. Florianópolis: Insular, 2020. ARAÚJO, op. cit.

nas folhas,⁷ enquanto o outro quinhão viria do material colhido nas ruas pelos informantes e possivelmente reportado nos moldes enunciados por Azevedo. A gradativa mudança ocorrida nesse processo, então, resultava da formação do chamado jornalismo noticioso e da especialização da produção da notícia, ambos frutos da reestruturação dos veículos de imprensa como empresas. Em suma, o aparecimento da profissão do repórter era resultado dessa transformação, e sua consolidação o catalisador da própria mudança.

Por esse motivo, vale observar o editorial de lançamento d'*O Repórter*, citado por Arthur Azevedo como um marco, ainda no ano de 1879. O modelo mirado pelo veículo era o do jornalismo estadunidense

O *repórter* era até há pouco tempo uma entidade especial, uma criação original devida ao gênio perscrutador e a atividade infatigável dos Estados Unidos.

A imprensa desse país que representa a mais vasta, a mais forte, mais completa publicidade organizada que se conhece, e devido ao apreço desse tipo hoje universal e por tal forma aderente ao mecanismo da publicidade que não se compreende mais um jornal sem *repórter*, ou um jornal que não seja, de si mesmo um *repórter* esclarecido, indagador, infatigável, corajoso, onímodo, sempre alerta à pesquisa dos grandes ou pequenos fatos que interessam à sociedade, arautos dos grandes acontecimentos, depositário das confidências que se relacionam com os destinos da humanidade, pregoeiro das boas ou más novas, sem que, contudo, no ardente empenho e no açonamento que deve manifestar para satisfazer à justa curiosidade pública, prescindida daquele critério e daquela refletida prudência que deve ser o característico de todo informante que pretende alcançar o público.

O *repórter* pode, portanto, ser definido: um noticiador ativo e um informante sisudo.⁸

A primeira vez que o *Almanak Laemmert* registrou a profissão do repórter foi em 1882,⁹ quando Maximino Serzedello figurou solitariamente na seção *Reporters dos jornais, revistas e outros periódicos que se publicam na Corte*.¹⁰ Na ocasião, seus endereços profissionais eram os escritórios da *Gazeta de Notícias* e do *Cruzeiro*, e sabe-se que, ao menos desde 1881, ele trabalhava na redação da *Gazeta* no grupo que incluía, entre outros, Henrique Chaves, Demerval da Fonseca, João Chaves, Oliveira Montauray, além dos proprietários Elysio Mendes e Ferreira de Araújo.¹¹ Foi a partir do seu registro, em 1882, que a profissão do repórter passou a ser uma constante no *Almanak*, ainda que as maneiras de figurar no periódico tenham passado por mudanças no correr das décadas, dando pistas sobre a consolidação da profissão.

7 BILAC, Olavo, sem nervos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 11 jun. 1895. Para mais sobre as rotinas e o funcionamento das redações dos jornais na virada do século, ver BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin; Companhia da Letras, 2010.

8 *O Repórter*, Rio de Janeiro, p. 1, 4 jan. 1879.

9 Houve uma mudança no modo de organizar o *Almanak* nesse ano. A parte comercial e industrial passou a formar a primeira parte do periódico e a ordenação alfabética dispensou termos gerais que se aplicassem a diversas atividades, como as classificações “oficina”, “estabelecimento”, “armazém”. É possível atentar ao novo modo de classificação em Advertência. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, ano 39, p. 9, 1882.

10 Idem, p. 605.

11 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 ago. 1917.

Até o ano de 1888, a seção onde apareceriam compilados os registros desses profissionais permaneceu sendo a *Reporters dos jornais...*, entretanto, também em 1888, começaram a surgir os primeiros registros individualizados de repórteres na seção *Indicador*, o que é uma aparição importante visto que, ao contrário de outras possibilidades gratuitas de inserção no *Almanak*, ela era paga, como constava nas próprias definições do periódico

Almanak do Rio de Janeiro, periódico anual, fundado em 1843 por E. & H. Laemmert. Editado pela Companhia Tipográfica do Brasil, antiga Tip. Universal de Laemmert, publica-se todos os anos no mês de janeiro; nele são inseridos **gratuitamente** os nomes, firmas, negócios, profissões e moradas dos habitantes de todo o Estado que participarem à redação antes do dia primeiro de dezembro de cada ano. Para as demais inserções e anúncios, paga-se 1.000 réis por linha no corpo da obra ou 20.000 réis por página na parte *Notabilidades*; no *Indicador* paga-se 500 réis por linha de anúncio.¹²

Não é de se negligenciar o aparecimento de uma nova categoria profissional em um periódico da importância do *Almanak Laemmert*, especializado em registrar anualmente a vida comercial, administrativa e industrial fluminense. Porém, é preciso ressaltar que na prática ele acabava por cobrir principalmente as atividades da capital e arredores, como Niterói, por conta da obrigação de se efetivar toda e qualquer inscrição de forma presencial, nos escritórios da rua do Ouvidor, n.º 66. Ainda assim e apesar dessa limitação, para o grupo dos repórteres, é possível considerar que seu aparecimento no *Almanak* indicasse um reconhecimento social consolidado do ofício, com seus limites e funções mais ou menos estabelecidos nos mundos do trabalho do Rio de Janeiro. Sob esse impulso, o movimento de autorreconhecimento dos trabalhadores reforçava tal aspecto, percebido especialmente pela inserção da profissão no registro individual dos sujeitos, na seção *Indicador*. Dava-se pistas, ainda, de que o ofício se encontrava na mesma esteira de profissionalização de outro grupo importante, o dos jornalistas,¹³ sobretudo a partir da década de 1890.¹⁴

Tais mudanças foram gestadas nas engrenagens dos diários, mas chegariam a outros periódicos no século XX adentro,¹⁵ com seus muitos trabalhadores inclusos.¹⁶ Assim, se em 1882 Maximino Serzedello aparecia como o único repórter nas páginas do *Almanak Laemmert*, no início do decênio seguinte esse número passava de uma dezena. Já em 1900, eram ao menos 21 repórteres somente na capital, considerando apenas os que inseriram

12 **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, ano 49, p. 800, 1892.

13 Para a análise do processo de profissionalização dos jornalistas no período, Cf. NERY, Gabriela. Nos escritórios da rua do Ouvidor: a imprensa e o ofício dos jornalistas na passagem do Segundo Reinado à Primeira República (1875-1891). **R. IHGB**, Rio de Janeiro, a. 182 (485), p. 111-138, 2021a.

14 Para o caso dos trabalhadores das oficinas, ver VITORINO, Artur José Renda. **Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico** (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.

15 Cf. FERREIRA, Roberta Gonçalves. *O Malho*, a imprensa empresarial e a criação da revista *O Tico-Tico*. **Brasiliana: Journal of Brazilian Studies**, v. 9, n. 1, p. 259-277, 2020.

16 Sobre a importante diferenciação entre jornalismo e imprensa, ver BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa; LEÃO, Inara Barbosa. Formação do jornalista contemporâneo: a história de um trabalhador sem diploma. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 337-358, 2013.

essa informação nos registros da seção *Indicador*,¹⁷ o que dá margem para que fossem ainda mais numerosos. Havia, dessa forma, um crescimento evidente da categoria, que seguia o compasso de fundação de novos jornais diários entre 1890 e 1900, tais como *A Notícia*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Tribuna* e *A Imprensa*.

Desse modo, a expansão de um jornalismo cada vez mais ligado a empresas e cada vez mais interessado na notícia criou e impulsionou o trabalho do repórter no Rio de Janeiro. Se o jornal se tornava um produto a ser consumido e financiado para além da venda de exemplares, mais do que esperar que as notícias aterrissassem nos balcões dos escritórios era necessário caçá-las e forjá-las em campo.¹⁸ Nessa dinâmica, tanto o leitor quanto a reportagem cumpriram um segundo papel, ao menos no imaginário jornalístico da virada do século: leitores estariam cada vez mais atraídos por notícias sintéticas, informativas e de rápida leitura – uma referência casada com os novos ritmos da vida urbana em expansão. Além disso, a literatura produzida nas folhas, particularmente as crônicas, também ganharia um novo compasso na relação direta com a produção da notícia.

Nesse cenário, o anúncio da fundação de uma associação dos repórteres não pegou de surpresa seus contemporâneos, especialmente ao se considerar o processo pelo qual passava o movimento associativista, crescente desde as últimas décadas do século XIX e que ganharia novo impulso no século XX, com emergência dos sindicatos.¹⁹ O Círculo dos Reporters surgiria nessa conjuntura e sua criação foi antecipada pelo *Jornal do Brasil* no dia 5 de abril de 1903. Na notícia afirmava-se que ele seria uma “sociedade que muito auxiliaria todos aqueles que labutam na vida afanosa da imprensa”,²⁰ e de fato ele foi a primeira associação desses profissionais a surgir na capital federal nos novecentos. Um mês após a fundação, constava na lista de sócios contribuintes do Círculo sujeitos como o redator da *Gazeta de Notícias*, Henrique Chaves, e em 27 de julho do mesmo ano outro ilustre anunciaria intenções públicas de associar-se. Era Arthur Azevedo.

O anúncio viria no mesmo artigo em que o teatrólogo se defendia da acusação de ofender os repórteres com sua peça. Sua opinião, assim, manteria as deferências, com a missão de afastá-lo de qualquer indisposição com a jovem associação

Ultimamente foi instituído nesta capital o Círculo dos Reporters, associação de fraternidade e amor, que promete, pelo seu caráter de resistência, pelo entusiasmo de seus fundadores, ter vida mais prolongada que outras agremiações congêneres.²¹

17 **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, ano 57, 1900.

18 **JORNALISMO. O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 1, 26 abr. 1908.

19 BATALHA, Claudio H. M., Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 12-22, 2010. BATALHA, Claudio H. M. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. **Cadernos AEL**, v. 6, n. 10/11, p. 43-66, 1999. VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). **Topoi**, n. 16, p. 117-136, 2008. Cf. BRASIL. **Decreto n.º 1.637, de 5 de janeiro de 1907**. Crea sindicatos profissionais e sociedades cooperativas. Disponível em: Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em: 17 out. 2021.

20 CÍRCULO dos Reporters. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 2, 5 abr. 1903.

21 AZEVEDO, op. cit.

Azevedo arrematava que se inscreveria como sócio contribuinte caso os estatutos assim permitissem, já que ele pessoalmente ignorava o teor das normas. Parece evidente, portanto, que se as regras fossem uma incógnita tal qual afirmava, certamente a reputação do Círculo não o seria, pois valeu o risco de anunciar compromisso de adesão na primeira página de um jornal de grande circulação da capital da República. Por fim, pode-se avaliar que a associação teve duração acima da média dentre outras iniciativas do tipo, aquelas gestadas no âmbito dos jornais e dos homens de letras.²² Foram encontrados registros do Círculo dos Reporters até o ano de 1907, contabilizando cinco anos de existência. Já no ano seguinte, uma outra entidade surgiria, a Associação de Imprensa, posteriormente rebatizada Associação Brasileira de Imprensa. Entre similaridades, o Círculo e a futura ABI compartilhavam um fundador comum: o operário e repórter negro socialista Gustavo de Lacerda.

Gustavo de Lacerda, um operário socialista nos escritórios dos jornais

QUANDO Gustavo de Lacerda foi expulso da Escola de Infantaria e Cavalaria do Exército, o *Diário Oficial*, republicado nas páginas da *Gazeta de Notícias*, apresentou uma justificativa protocolar: por “assim convir à disciplina e moralidade do estabelecimento”.²³ No entanto, o que ficava oculto pela notificação na seção do Ministério da Guerra era que a motivação para a expulsão fora a acusação de propaganda republicana. O ano era 1881, e Lacerda então viajou sem demora: tomou o paquete nacional *Rio Negro*, saído de Montevidéu com escala no Rio Grande do Sul, local onde ele embarcou rumo a Santos.²⁴

Apesar dessa informação, são poucas as pistas sobre o paradeiro do ex-militar nos anos imediatamente posteriores a sua expulsão. Sua localização era ignorada inclusive pela Diretoria Geral dos Correios, que não conseguia entregar alguns de seus bens pela falta de um endereço residencial conhecido.²⁵ Porém, há indícios de que tenha desembarcado no ponto final do itinerário do *Rio Negro*, na cidade de Santos, e lá se estabelecido como guarda-livros, onde permaneceu até se encaminhar para o Rio de Janeiro, não se sabe ao certo quando.²⁶ De todo modo, é possível afirmar que em 1884 ele estava devidamente instalado na capital do Império, pois nesse ano anunciava-se na imprensa da cidade a fundação de um jornal de sua propriedade, o *Meio-Dia*.²⁷

Além da posse efetiva da folha, Lacerda dedicava-se a sua administração, declinando qualquer posto como redator. Esse arranjo teria permanecido com apenas um momento de exceção, quando a certa altura do único mês de vida do *Meio-Dia* uma grave crise nos

22 NERY, Gabriela. Literatos em escritórios de jornais: jornalismo, literatura e trabalho (1883-1908) *Artcultura*, Uberlândia, v. 23, n. 42, 2021b.

23 DIÁRIO Oficial. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 10 abr. 1881.

24 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 5, 16 out. 1881.

25 DECLARAÇÕES. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 4 nov. 1881.

26 GUSTAVO de Lacerda. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 6, 5 set. 1909.

27 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 jan. 1884.

escritórios o teria levado a assumir o posto de redator-chefe.²⁸ De qualquer forma não fora esse o arranjo inicial, que em seu formato original contava com Silvestre de Lima na direção da redação junto a mais dois homens de letras: Filinto de Almeida e Antônio Figueiredo.²⁹ Constavam além deles diversos colaboradores, a maioria jovens oriundos da fervilhante intelectualidade residente na capital, como Valentim Magalhães, Luiz Murat, os irmãos Arthur e Álvares de Azevedo, Raul Pompéia e Paula Ney.

Ainda a respeito das repercussões sobre o pequeno diário, o tradicional *Jornal do Commercio* não deixou de notar o seu aparecimento e soltou uma nota um tanto simpática na ocasião, onde afirmava ser aquela uma folha redigida “por moços esperançosos”.³⁰ Contudo, a disposição parece não ter sido suficiente para manter a empreitada e o jornal sofreu da efemeridade tão comum aos periódicos da corte, apesar dos entusiastas e colaboradores. Em vista disso, se o *Meio-Dia* não foi capaz de se consolidar e tampouco prosperar naquele ano de 1884, sua fundação deixou rastros suficientes para revelar que Lacerda precisou de pouco tempo para se inserir dentre os homens de letras do Rio de Janeiro, ao menos na ala dos jovens abolicionistas e republicanos.

Alguns anos depois, em 1888, um outro aspecto de sua trajetória apareceria numa nota de jornal. Publicada na última coluna de uma página dois, num conjunto de pequenos acontecimentos elencados sob poucas linhas, anunciava-se que Gustavo de Lacerda havia assumido permanentemente a chefia das oficinas do jornal *Opinião Liberal*, na ausência do então chefe que se encontrava em viagem a Juiz de Fora. A notícia afirmava que a mudança seria da vontade do proprietário da folha e não foram dados outros motivos para a substituição.³¹ Como o nome facilmente faz ver, o jornal era um órgão do Partido Liberal e as trocas no comando das oficinas, além de mostrar as boas relações de Lacerda, também indicavam que ele era um tipógrafo.

Diante disso, pode-se afiançar que ele mantinha atividades tanto no ramo da tipografia quanto da imprensa, o que se comprovou com nitidez nos anos seguintes. Em 1889, era possível encontrá-lo mais uma vez como proprietário de um diário, o *Rebate*. Nessa ocasião, Gustavo de Lacerda havia publicado uma mesma nota em diversos periódicos para denunciar a prisão de seus vendedores de rua, arbitrariedade que teria resultado na interrupção total do funcionamento de sua folha. Ao se dirigir às autoridades para providenciar a soltura dos trabalhadores, o subdelegado de polícia do 1º Distrito o teria ameaçado de prisão, fazendo com que ele recorresse aos jornais também para denunciar os abusos contra a liberdade de imprensa, publicando-a sob o título de “Ameaça”.³²

Ambas as atividades de Lacerda progrediram na década seguinte, e após a Abolição e a Proclamação da República ganhariam novos contornos. Seu ofício como tipógrafo

28 MOREL, Edmar. **A trincheira da liberdade**: História da ABI. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p. 34.

29 O MEIO-DIA. **O Mequetrefe**, Rio de Janeiro, p. 2, 10 jan. 1884.

30 **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 jan. 1884.

31 **A Verdade Política**, São João Del Rei, p. 2, 29 nov. 1888.

32 AMEAÇA. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 22 abr. 1889.

granjeou proeminência em detrimento do homem de imprensa, à medida que sua atuação e militância se inseria no movimento operário do Rio de Janeiro. Há uma quantidade expressiva de registros seus, a partir de 1890, em ações relacionadas a organizações da classe trabalhadora, onde ele atuou e declarou-se univocamente como operário tipógrafo. Além disso, podia-se ver uma mudança nos ideais que ele seguia dentro de sua militância. Seu texto na Coluna Operária do *Diário de Notícias* apontava para uma parte desse espectro

Hoje, graças à amplitude soberana dos princípios democráticos, que nos prestigia, os operários podem agremiar-se em centros ou clubes destinados a cooperarem para as legítimas aspirações das suas classes.

Em breve vamos assistir à constituição em bases assentes do grande partido operário, que é ao mesmo tempo uma congregação assimilativa, dedicando-se por lei a princípios bem discernidos, e que impedirá, por meio de uma boa orientação dos seus membros, o respigo, entre as classes olvidadas, da cabala eleitoral, por meio da qual se elevavam as nulidades, os políticos estéreis, os que não tinham prestígio nem valor.

(...)

Quanto ao que se refere às nossas contingências, acharemos no amparo dos nossos companheiros aquele auxílio que o homem desprovido de bens carece nas crises precárias da vida.³³

Lacerda não era um militante despercebido do operariado. Pelo contrário, atuou no Rio de Janeiro por meio de diversas entidades de classe, além de ser um entusiasta da inserção eleitoral dos operários na recém-estabelecida República,³⁴ como seu texto denota. Ademais, suas ideias não tomavam distância da sua prática. Era possível encontrá-lo como integrante da comissão organizadora do Congresso Operário, realizado em 1890,³⁵ e nas articulações para a fundação do Partido Operário – além de ter aparecido como candidato possível à eleição para deputado naquele ano, figurando nas listas de uma consulta interna realizada pelo Centro Operário Radical.³⁶ Em outra vertente, ele também atuava nas demandas mais cotidianas das entidades que fazia parte, especialmente nas áreas da propaganda, e chegou a ocupar a presidência de organizações como o próprio Centro Operário Radical.³⁷ Através dele, Lacerda liderou campanhas de divulgação e adesão para a causa dos trabalhadores: escreveu peças teatrais, organizou eventos para difundir as ideias do Centro, escreveu livros³⁸ e assumiu uma fecunda parceria com o então jovem Evaristo de Moraes, especialmente em conferências para a difusão do socialismo, outra faceta de sua militância que tomou forma na década de 1890.³⁹

33 LACERDA, Gustavo de. Coluna Operária I. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 7 fev. 1890.

34 Cf. SOUZA, Felipe Azevedo e. A blusa e a urna: metamorfoses do associativismo de trabalhadores em Pernambuco entre o Império e a República. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, p. 1-18, 2020.

35 *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 10 fev. 1890.

36 *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 11 set. 1890.

37 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 14 mar. 1892.

38 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 1º ago. 1892.

39 CENTRO Operário Radical. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 12 maio 1892.

Esses foram os primeiros passos de Gustavo de Lacerda no novo decênio e vale notar que seu entusiasmo com a via eleitoral se desdobrou em candidatura efetiva em 1892, quando concorreu pela primeira vez para deputado distrital na vaga deixada por Aristides Lobo. O eleito na ocasião foi o médico Vicente de Souza,⁴⁰ um destacado militante ligado à causa dos trabalhadores e próximo ao próprio Lacerda, que ainda tentaria a candidatura por mais três vezes até o fim do século XIX, sem sucesso. Em 1896, na penúltima eleição que disputaria, o tipógrafo já estava em uma outra organização de trabalhadores, fundada por ele junto a mais quatro militantes, o Centro Socialista do Brasil.⁴¹

Nesse período de intensa atuação, também é importante notar que o trabalho na imprensa jamais esteve afastado de seu cotidiano. Constituída sempre como parte das suas atividades, entre 1892 e 1896, Gustavo de Lacerda participou, não sem polêmicas, do jornal *A Voz do Povo*,⁴² foi redator junto a Evaristo de Moraes da *Revista Operária*⁴³ e fundou a revista bimensal *Brasil-Sul*.⁴⁴ Esse perfil amplo de ação, porém, começaria a sofrer certa mudança nas imediações dos noventa.

Após atravessar um longo período ligado primeiro ao movimento republicano e abolicionista e depois ao movimento operário, enveredando-se pelo socialismo no correr dos anos, Gustavo de Lacerda começou a aparecer sob outro tipo de registro na imprensa. Em 1897, de forma atípica, ele constava numa longa lista de sujeitos a acompanhar uma cerimônia oficial de entrega de pergaminhos, resultado da assinatura de um tratado de comércio entre Brasil e Chile. Junto a ele estavam jornalistas, repórteres e homens de letras renomados da época,⁴⁵ o que destoava de suas aparições anteriores. Também em 1897, ele figuraria entre os presentes de um evento de caridade em favor das viúvas e órfãos dos soldados mortos em Canudos. Grandes personalidades tomaram parte na cerimônia, como Hermes da Fonseca e Bento Gonçalves,⁴⁶ e um exame desavisado poderia confundir a presença de Lacerda, quem sabe, com seu passado no Exército e de militância republicana.

Não era o caso. A presença de Gustavo de Lacerda não se relacionava com essas demandas, mas era fruto de seu novo trabalho como repórter. Essa mudança se confirmaria pela presença constante em diversos eventos ocorridos na capital, e seria autodeclarada em um abaixo-assinado publicado em 1899 na *Gazeta de Notícias*, com seu nome seguido da nova profissão e não mais como um operário tipógrafo.⁴⁷ Portanto, desde 1897 ele estaria a serviço d'*O Paiz*, onde permaneceu vinculado até a sua morte, em 1909,⁴⁸ ainda que tenha

40 PINTO, Ana Flávia Magalhães. Vicente de Souza: interseções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 267-286, 2019. Idem. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

41 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 6 mar. 1896.

42 PARTIDO Operário. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 15 set. 1890.

43 IMPRENSA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 jun. 1892.

44 *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1892.

45 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 20 maio 1897.

46 FESTAS de caridade. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 23 maio 1897.

47 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 11 nov. 1899.

48 GUSTAVO de Lacerda. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 6, 5 set. 1909.

aparecido pela primeira vez no *Almanak Laemmert* como repórter do jornal *A Notícia*.⁴⁹ Isso indica que ele prestava serviços para mais de uma folha e que esse deveria ser o seu vínculo de trabalho mais estável naquele momento, numa dinâmica comum entre muitos dos trabalhadores da imprensa no período.

O associativismo organizado pelas mãos dos repórteres

SE O PAIZ não foi o pioneiro na introdução de repórteres profissionais em seus escritórios, posto ocupado pela *Gazeta de Notícias*, ele foi o que mais rapidamente assumiu a importância desses trabalhadores no novo jornalismo que se consolidava no Rio de Janeiro. No ano da contratação de Gustavo de Lacerda, em 1897, o jornal possuía registros de seis repórteres na seção *Indicador* do *Almanak Laemmert*, contra um da *Gazeta*, três do *Jornal do Commercio* e um do *Jornal do Brasil*.⁵⁰ O próprio Lacerda, é bom destacar, não constava entre eles, apesar de já trabalhar na redação dos diários, e os motivos para essa falta de registro podem ser variados. Quem sabe valha reafirmar que um dos principais impedimentos era que a seção *Indicador* não era gratuita, ao contrário de outras seções. De qualquer forma, apesar das limitações do *Indicador*, a situação relativa d’*O Paiz* foi a mesma para os outros anos de 1896, 1898 e 1899, contando com mais repórteres em sua redação do que qualquer outro veículo de imprensa da capital. Diante desse quadro, se é evidente que os números não devem ser tomados em termos absolutos, por outro lado eles apresentam uma tendência relativa importante de ser considerada.

O cenário sofreria alguma alteração no começo do século XX, justamente porque a profissão consolidou-se e os principais diários da capital, bem como outros periódicos, acabaram por estruturar quadros efetivos de repórteres. Dentre eles destacava-se o *Jornal do Commercio*, que em 1901 empregava o maior número desses profissionais na sua redação, com nove deles listados no *Indicador*.⁵¹ Muitos poderiam empregar-se, inclusive, em mais de um jornal e em regimes diversos de trabalho, combinando vínculo permanente em determinada folha e de colaboração eventual em outras, o que abria espaço para muitos arranjos entre trabalhadores e veículos de imprensa. Além disso, abria-se também a possibilidade para os periódicos menos estabelecidos acessarem os serviços dos repórteres pontualmente, tal qual se dava com muitos dos jornalistas do período com seus artigos, críticas literárias ou crônicas. Assim, se na década de 1890 havia incerteza em relação à importância dos repórteres nas redações, no início do século XX a situação seria diferente.

49 Repórteres de jornais e revistas e outros periódicos que se publicam na capital federal. *Almanak Laemmert*, ano 57, p. 588, 1899. Em um balanço da trajetória de Lacerda após sua morte, *O Paiz* afirmava que o primeiro jornal a empregá-lo foi *A Imprensa*, sob a direção de Ruy Barbosa, mas não foram achados outros registros da passagem pelo jornal. Cf. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 5, 16 out. 1881.

50 Indicador. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, ano 55, 1897.

51 Indicador. *Almanak Laemmert*, ano 59, 1901.

Foi dentro desse processo de expansão que o Círculo dos Reporters foi fundado, em 1903, como uma associação de trabalhadores que se voltaria apenas para esse grupo profissional. Entretanto, ele acabou por alargar seus limites e abriu as portas a todos os que se dedicavam à imprensa, adotando uma estratégia comum entre entidades que precisavam aumentar sua base de sócios e seu autofinanciamento – sem contar aqueles que poderiam se associar na categoria de contribuintes. Gustavo de Lacerda foi um dos fundadores, junto a outros 20 repórteres, todos vinculados a ao menos um dos grandes diários do período: *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Notícia* ou *Correio da Manhã*.

O Círculo teve abrigo inicial nas dependências do Club Militar,⁵² o que não era uma informação trivial. 35% de seus fundadores eram militares ou ex-militares de baixas patentes como alferes, tenentes ou capitães. As exceções eram Baldomiro Carqueja de Fuentes, tenente-coronel e comendador, e na outra ponta estava Gustavo de Lacerda, que escapava ao padrão por ter sido expulso do Exército ainda na década de 1880. De todo modo, os demais fundadores compuseram o Exército na década de 1890 e nos anos seguintes empregaram-se nas redações dos diários como repórteres, sob as novas demandas das empresas jornalísticas. Por vezes, seus nomes na seção *Indicador* vinham acompanhados de suas patentes, e esse movimento da contratação de militares permite observar o trajeto desses sujeitos, de um ponto de origem comum para um destino também comum. Isso dava mostras de que tais trabalhos nas redações tinham poder de atração considerável aos setores médios urbanos no Rio de Janeiro – inclusive do ponto de vista da constituição de uma nova carreira, que tinha como um dos pontos de acesso a reportagem. Era uma nova dinâmica, resultado de um novo jornalismo em formação e de um processo inédito de profissionalização nas redações.

A outra parte dos fundadores do Círculo eram funcionários públicos em cargos de pouco destaque como amanuenses, 2º ou 3º escriturários, contínuos ou sujeitos que já atuavam como conferentes ou revisores em algum periódico – esses que por vezes sequer compartilhavam o espaço dos escritórios, sendo alocados nas oficinas dos jornais. Do Club Militar, o Círculo passou a uma sede provisória na rua Sete de Setembro até por fim instalar-se na rua do Ouvidor, n.º 127, em 1904.⁵³

Esse caminho, da fundação até a instalação permanente, foi trilhado dentro de parâmetros comuns às sociedades civis na virada do século. Elas buscavam se inscrever na vida social da cidade para legitimar-se diante do público, do Estado, de sócios em potencial e para angariar benesses que facilitassem suas existências, não raro muito atribuladas. Para tanto e no caso em questão, uma série de eventos para arrecadação de fundos ao Círculo povoaram os jornais e teve bastante repercussão, bem como lhe foram ofertados serviços essenciais para o seu bom funcionamento: o registro dos estatutos foi feito sem custos pelo sr. dr. José Mariano e na mesma ocasião o sr. dr. Ayres da Rocha colocou à disposição

52 CÍRCULO dos Reporters. *Jornal do Brasil*, p. 2, 5 abr. 1903.

53 CÍRCULO dos Reporters. *Jornal do Brasil*, p. 2, 25 jul. 1904.

seus serviços de advogado.⁵⁴ Foram oferecidos ainda os serviços médicos do ajudante do diretor da Diretoria de Saúde Pública, além dos préstimos de um cirurgião dentista, e mais serviços de advocacia.⁵⁵ Era, evidentemente, uma via de mão dupla, onde esses profissionais se visibilizavam e se inseriam nos circuitos da cidade ao prestar serviço à associação, que deles usufruía.

Esse momento de implantação pode ser visto em alguns de seus aspectos num texto publicado no *Jornal do Brasil*, ainda no ano de 1903. Assinado por um certo V. de Algerama, ele comentava sobre uma récita que aconteceria dali a alguns dias, no Teatro Carlos Gomes. Era um evento “em favor dos cofres do Círculo dos Reporters” que o autor apostava que ganharia ares de festival, pela grande presença do público e pela programação. Além do entusiasmo com o evento e do bom juízo que nutria pela associação, o que também chamava a atenção nas considerações de Algerama eram suas impressões sobre a profissão dos repórteres, e sua posição relativa em meio ao jornalismo

Trata-se de *reporters*, e são exatamente, precisamente, uns valentes colaboradores da imprensa, as figuras mais queridas e mais dignas de simpatia de todo o nosso meio jornalístico. Basta dizer que no jornal moderno, na feição atual de nossas folhas – o repórter é tudo. Nas grandes capitais, cidades mais de trabalho que de gozos, o jornal, é sabido, matou o livro. A revista, igualmente, semelhante ao livro, embora abordando assuntos vários, também não logra existência duradoura. E o próprio jornal, se for pesadão, de largas colunas e artigos longos, com licença do trocadilho – acabará por acabar...

O que se quer em uma cidade, como esta, em que a gente que lê, em que a gente que pode sustentar jornais é gente ocupada, que não vive no santo ócio, gente que trabalha e que precisa ganhar hoje para comer amanhã, o que se quer é o jornal leve e ligeiro, que diga tudo o que deve dizer, sem grandes tiradas nem pretensões (sic) à doutrina, muito embora em uma simples notícia possa ir, sem ares de cousa grave, uma ideia ou a defesa de uma ideia.

(...)

Tais são, em quase regra, os jornais que temos, os jornais que agradam, pois se os temos assim, aos *repórteres* os devemos. Não é pequeno o serviço, portanto, que nos presta, diariamente, sem que disso nos apercebamos, essa simpática plêiade de trabalhadores – inteligente e rapazes (sic) – para os quais não se fizeram os domingos nem os feriados, verdadeiros exemplos de dedicação e atividade.⁵⁶

Mais do que simpatia evidente pelo grupo, Algerama centralizava os repórteres de tal maneira que a eles era reputada a responsabilidade pela transformação dos “jornais modernos”, finalmente dotados da leveza e concisão necessários para salvarem-se do suposto destino trágico de livros e revistas. Por outro lado e apesar da importância atribuída, é perceptível um certo grau de desprestígio que se abatia sobre os tão importantes “colaboradores da imprensa”. Eles eram retratados como uma plêiade, como uma massa de jovens inteligentes que trabalhavam sem descanso e sem sequer serem notados – desvelando alguns dos

54 CÍRCULO dos Reporters. *Jornal do Brasil*, p. 1, abr. 1903.

55 CÍRCULO dos Reporters. *Jornal do Brasil*, p. 2, 15 abr. 1903.

56 A NOTA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, 17 jul. 1903.

juízos feitos sobre esses trabalhadores. Eles não raro ganhavam a pecha de aventureiros, de desprendidos, espíritos jovens o suficiente para aguentar a carga que lhes era imposta, para dali quem sabe ascender a outras posições mais prestigiosas, sem se demorar. As linhas do autor, assim, ecoavam de forma nem tão velada um perfil já difundido sobre a profissão, estabelecida entre essas longas jornadas e o pouco reconhecimento.

Tal concepção já havia aparecido anos antes e em ocasião importante, no necrológio de Francisco de Paula Ney. Entre diversos elogios, o texto publicado na seção “Necrologia de Brasileiros Ilustres”,⁵⁷ no *Almanak Laemmert* do ano de 1898, destacava que Paula Ney havia abandonado o curso de medicina no quarto ano para ingressar na imprensa como repórter, “um afanoso posto”, onde desenvolveu o ofício com inteligência maior e muito zelo. A profissão foi preterida quando ele conseguiu um cargo no funcionalismo público, onde constituiu carreira, e o veredito do texto sobre a trajetória do repórter era claro: “Se se tivesse dedicado ao estudo, se não preferisse a *vida aventurosa*, Paula Ney poderia ter conquistado invejável posição, pois era dotado de feliz inteligência (...)” [Grifo meu]. Cinco anos mais tarde, *O Malho* traria um comentário que plasmava, em tom satírico, as mesmas ideias contidas no necrológio

- Foi muito acertada a escolha da sala do Club Militar para a fundação do Círculo dos Reporters.

- Por quê?

Para ver se a classe dos *reporters* deixa de ser tão indisciplinada...⁵⁸

Apesar de ser considerada um ofício menor dentro das redações, a profissão do repórter ganhou mais espaço quanto mais os diários da capital se consolidavam como empresas. Vale, diante disso, analisar a atuação efetiva do Círculo dos Reporters e se aproximar do cotidiano de seus sócios no exercício da profissão.

Em 1904, o *Jornal do Brasil* noticiou sem muitos detalhes que a associação estava em estado de mobilização por Henrique Guimarães após “violência sofrida”, e que uma assembleia havia sido convocada para decidir o melhor jeito de “lavrado protesto”⁵⁹ sobre o caso. A nota não trazia mais informações sobre o ocorrido, mas elas podiam ser conhecidas na *Gazeta de Notícias*, onde Guimarães era repórter. O diário contava que ele fora deslocado pelo jornal para apurar um incidente, durante uma assembleia da Sociedade de Socorros Mútuos União Familiar Perfeita Amizade. Uma bomba havia explodido durante a reunião, ferindo alguns participantes, e o inspetor de polícia, junto a soldados de infantaria e praças da cavalaria, seguiu para o local. A conduta das forças de segurança, porém, foi a de tentar impedir à força que as pessoas saíssem das dependências da Sociedade, agredindo os que tentavam furar o bloqueio

Foi exatamente o que aconteceu ao nosso repórter Henrique Guimarães, quando pode sair da sede da sociedade, onde penetrara em cumprimento do seu dever.

57 Necrológio de Brasileiros Ilustres. **Almanak Laemmert**, ano 56, p. 44, 1898.

58 **O Malho**, Rio de Janeiro, p. 8, 25 abr. 1903.

59 CÍRCULO dos Reporters. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 21 jan. 1904.

Em vão gritava:

- Sou repórter!

- Não conheço repórter, vociferou o alferes, persigam este canalha!

E o nosso companheiro foi sempre perseguido, embora diversas pessoas que o conhecem repetissem em voz bem alta:

- Este moço é repórter.

As praças quiseram recuar, mas o tal oficial ordenou:

- Não deixem o canalha!

Um dos soldados volta à carga e atira um pontão contra Henrique Guimarães, varando-lhe a aba do chapéu de palha.

Não ficou mutilado no rosto por um acaso verdadeiramente providencial.

Disso, se conclui que o repórter da *Gazeta de Notícias* só foi assim maltratado pela profissão que exerce...⁶⁰

O Círculo dos Reporters se dedicava atenciosamente a casos como o de Henrique Guimarães, que diziam respeito a atos de violência endereçados a trabalhadores da imprensa e à sede de jornais. No mesmo ano de 1904, revelou-se que o delegado da 3ª Circunscrição, em plena rua do Ouvidor, teria interpelado com violência um repórter d’*A Notícia*, tentando inclusive sacar uma arma, ao que foi contido pelas pessoas do entorno. O Círculo imediatamente montou uma comissão de sete sócios que foi ao chefe de polícia para exigir a exoneração do delegado, sem sucesso. Eles então se dirigiram ao Ministério da Justiça e do Interior onde conseguiram a intervenção direta do ministro José Joaquim Seabra, comumente conhecido na imprensa por J.J. Seabra, e a partir desse encontro a exoneração do delegado foi efetivada, o que dava mostras do alcance das conexões políticas mantidas pela associação.⁶¹

Ainda no movimentado ano de 1904, a atuação do Círculo extrapolou os domínios da cidade do Rio de Janeiro. A associação recebeu um telegrama do redator-chefe do jornal paraibano *O Commercio*, em que se denunciava a perseguição política que a folha vinha sofrendo por parte do governo estadual, com menções à censura oficial e ameaças de empastelamento. A associação então telegrafou pedindo providências ao presidente da República, Rodrigues Alves, e ao ministro J.J. Seabra. Como resposta, Seabra telegrafou ao governador da Paraíba pedindo explicações, e o Círculo dos Reporters se movimentou em outra frente, arranjando audiência com o senador paraibano Álvaro Machado, que acompanhou o caso.⁶² Outros capítulos dessa história se desdobrariam na imprensa, entre o efetivo empastelamento do *Commercio* e do *Combate* e a apuração duvidosa dos episódios, incluindo a reincidência das ameaças às novas instalações do *Commercio* no mês seguinte.⁶³ Diante disso, nota-se que a atuação do Círculo não só se mostrava necessária, ao agir sobre

60 POLÍCIA Brutal. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 5, 20 jan. 1904.

61 POLÍCIA que espanca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 fev. 1904.

62 ASSALTO à Imprensa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 ago. 1904. ATAQUE à Imprensa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 3, 3 ago. 1904. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1, 6 ago. 1904.

63 *Jornal do Brasil*, p. 1, 14 set. 1904.

um cotidiano de extrema violência contra os trabalhadores da imprensa, como revelava ter os meios para oferecer resistência até mesmo contra os abusos da polícia e outras autoridades.

Como se vê, os problemas dos repórteres estavam muito além de longas jornadas de trabalho ou a cobertura de eventos enfadonhos. Em 1905, o Círculo se mobilizaria por um redator da *Fanfulla*, de São Paulo, que teria sido preso a pedido do governo italiano por supostamente ter falsificado uma ata eleitoral em seu país. L. V. Giannetti fora trazido para o Rio de Janeiro e conduzido ao Estado Maior da Brigada Policial, momento em que a associação interveio junto ao chefe de polícia para garantir o cumprimento de um *habeas corpus* concedido em favor do jornalista, obtendo sucesso.⁶⁴ Meses antes, conduta semelhante já tinha sido registrada e publicada no *Jornal do Brasil*, reforçando os contornos sobre a atuação do Círculo no cotidiano da imprensa. A notícia intitulava-se “Os Sucessos: ‘habeas-corpus’”.⁶⁵

Nessa ocasião, estava preso há pouco mais de dois meses o gerente do jornal *Comercio do Brasil*, João Pompillo Dias, que também era despachante da Alfândega. Recolhido à Casa de Detenção sem acusação formal, incomunicável e sem defesa, a notícia dizia da falta de fundamento para a manutenção da prisão do jornalista, visto que seu nome não constava em relatório do chefe de polícia nem em denúncia oferecida pelo procurador federal da República. Supostamente, Pompillo Dias estaria envolvido com os fatos que levaram à decretação de estado de sítio no fim de 1904. A data e a referência publicadas apontavam diretamente para a Revolta da Vacina, ocorrida em novembro, e diante da fragilidade do procedimento instaurado pelas autoridades um pedido de *habeas corpus* foi impetrado na 1ª Vara Federal, sendo aceito. A partir disso, o Círculo dos Reporters incumbiu-se de reunir uma comissão para ir ao chefe de polícia e garantir o cumprimento da decisão, o que parecia ser essencial nesses casos, pela sua recorrência. A movimentação foi bem-sucedida e mandou-se então buscar o jornalista no cárcere, para que fosse finalmente posto em liberdade.

Gustavo de Lacerda, repórter d’*O Paiz*, fundador e membro da diretoria do Círculo dos Reporters, por certo esteve a par de tais ações, especialmente porque compunha a comissão de finanças da entidade. Ocupando essa posição, é de se esperar que tenha tomado parte em seus rumos, nos seus modos de atuar, e o fez durante o período crucial de criação, instalação e consolidação da associação. Na gestão subsequente ele já não faria mais parte da diretoria, mas vale destacar que o Círculo se manteve alerta na defesa dos trabalhadores da imprensa ao menos pelo ano seguinte, com destaque para sua atuação jurídica. Assim, até 1905 foi possível encontrar os casos acompanhados pela entidade nas páginas dos jornais, o que se tornou raro a partir de 1906. Em 1907, os registros escassearam de tal maneira que não foi mais possível seguir a associação, e tal fato sugere que ela tenha findado ainda naquele ano. A hipótese ganha mais força com a ausência do registro de sua sede no *Almanak Laemmert* para ano seguinte. De todo modo, o conjunto dos trabalhadores da imprensa não ficaria muito

64 O JORNALISTA Giannetti. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 30 maio 1905.

65 OS SUCESSOS: “habeas corpus”. *Jornal do Brasil*, p. 1, Rio de Janeiro, 24 jan. 1905.

tempo sem uma organização que se dedicasse às suas demandas: a Associação de Imprensa seria fundada no ano de 1908.

Um marco no associativismo civil dos homens de imprensa

CRIADA SOB a batuta de Gustavo de Lacerda,⁶⁶ a Associação de Imprensa estava voltada inicialmente para o Rio de Janeiro, mas ganhou abrangência no correr dos anos, sendo rebatizada na década de 1910 para Associação Brasileira de Imprensa, a ABI. Ela permanece em atividade até os dias de hoje, acompanhando outra iniciativa do mesmo período, a Academia Brasileira de Letras.⁶⁷ É certo que ambas compartilharam da mesma conjuntura entre o fim do século XIX e início do século XX, principalmente no que diz respeito ao movimento associativo de homens de letras e de imprensa, ao passo que tomaram grande distância em objetivos, atuação e política de acesso – por mais que homens de letras e de imprensa não raro fossem os mesmos sujeitos.

Diante disso, é importante atentar para a posição central de Gustavo de Lacerda como idealizador e organizador do projeto da entidade, fazendo-o sem abdicar de sua experiência como trabalhador e militante. Assim, a associação resultava de sua análise sobre a situação de insegurança na qual se encontravam os trabalhadores da imprensa, cenário compartilhado em graus variados por jornalistas e repórteres em repetidas manifestações nos jornais. Também é importante destacar que a escolha pelo modelo de uma associação civil foi decisão deliberada e estudada por Lacerda, o que se choca com a hipótese de Nelson Werneck Sodré de que seu intuito seria o de fundar uma entidade “inequivocamente na forma de um sindicato”,⁶⁸ opção disponível desde o Decreto n.º 1.637, de 5 de janeiro de 1907.⁶⁹

Sodré faz uma breve análise sobre o processo de fundação da associação, partindo da premissa de que havia um erro de concepção nas ideias de Lacerda.⁷⁰ Para ele, o repórter pretendia relevar as contradições existentes entre jornalistas e proprietários de jornais juntando-os numa mesma entidade – mesmo que o autor considerasse que os primeiros jamais tenham estado sob condição proletária, participando dela apenas pontualmente. Os assalariados puros, os verdadeiros proletários no mundo da imprensa, seriam os gráficos e eles já possuíam uma organização, na forma de sindicato. Diante disso, Sodré considerou que Lacerda se guiava por um idealismo teórico que apostava no conagraçamento entre os homens de imprensa, e que “pretendia desconhecer a divisão da sociedade de classes” ao

66 ASSOCIAÇÃO de Imprensa: a sessão de instalação. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 2 jan. 1909. ASSOCIAÇÃO de Imprensa. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p. 2, 2 e 3 jan. 1909. ABRANCHES, Dunshee de. **A Fundação Gustavo de Lacerda**: reminiscências dos primeiros dias da “Associação Brasileira de Imprensa”. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio; Rodrigues & Cia., 1938.

67 Cf. RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). 2ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

68 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 1999. p. 306.

69 BRASIL, op. cit.

70 SODRÉ, op. cit., p. 306-309.

apostar na unidade de grupos antagônicos. Esse equívoco primordial, por fim, seria a causa da pouca adesão inicial ao seu projeto.

Nos termos enunciados, a Associação de Imprensa parece uma equação difícil de resolver. Entretanto, tal interpretação só ganha potencial explicativo diante de ausências que cumpriam papéis fundamentais nesse circuito. A principal delas é desconsiderar a participação de Gustavo de Lacerda na fundação, consolidação e direção do Círculo dos Reporters.

Ainda que não tenha sido possível encontrar os estatutos do Círculo, foi viável rastrear seus passos e analisar as suas ações, o que deixava ver que parte de seus objetivos era o de oferecer defesa, inclusive jurídica, àqueles que se dedicavam à imprensa. Foi também a partir dessa experiência que Lacerda se conectou, pela primeira vez, ao associativismo que endereçava os trabalhadores dos jornais. Esse era um movimento composto por um conjunto heterogêneo, constituído por ofícios em marcha de profissionalização. Nesse período, os significados de ser jornalista alteraram-se e ganharam contornos especializados.⁷¹ Já os repórteres eram de fato uma novidade, fruto direto das novas empresas jornalísticas e de um novo jornalismo noticioso, que ganhava importância. Além disso, eram o grupo mais precarizado nos escritórios de jornais, o que dá pistas do porquê de terem sido os primeiros a criar associações em defesa da sua categoria.

A Associação de Imprensa, portanto, tinha em seu lastro um antecessor direto que foi fundamental para Gustavo de Lacerda. Foi a partir do Círculo que duas tradições associativas se encontraram na experiência do repórter: a do movimento operário organizado, do qual ele participou ativamente nas últimas décadas do século XIX; e das associações voltadas ao mundo das letras e da imprensa, da qual ele tomou parte na virada do século XX. Dessa maneira, pode-se ponderar que, ao contrário das suposições de Sodré, a associação surgiu não de um idealismo teórico de Lacerda, mas de sua atuação direta como trabalhador e dirigente, e o repórter tentou incidir sobre os problemas diagnosticados pelo autor, com dispositivos que limitassem a participação de alguns setores da imprensa.

É o que determinava o artigo 4º dos estatutos ao explicitar que donos de jornais estavam privados de direitos eletivos, assim como quaisquer redatores que estivessem no exercício de cargos administrativos.⁷² Portanto, uma iniciativa que tentava contornar um problema prático, dando maior participação e controle aos trabalhadores da imprensa diante de um conjunto diversificado de sujeitos, mas imprescindível. Assim, visto na diacronia, Gustavo de Lacerda é uma personagem que merece amplo destaque por conectar experiências de organização de modo a projetar e executar o que viria a ser a mais longeva associação dedicada à imprensa do país, apesar do início claudicante: a Associação Brasileira de Imprensa.

Sobre tais temas, Dunshee de Abranches deu mostras do pensamento de Lacerda em um livro de memórias, voltado para o período da fundação da associação, realçando que ele

71 NERY, op. cit., 2021a.

72 BRASIL. Sociedades Civis: Estatutos da Associação de Imprensa, **Diário Oficial**, p. 7.019, 27 nov. 1908.

mirava os trabalhadores da imprensa e a falta de amparo social a que estavam submetidos. É bom dizer que Abranches foi jornalista e um importante deputado, sendo próximo ao barão do Rio Branco enquanto ele era ministro das Relações Exteriores. Abranches também cumpriu a presidência na gestão que sucedeu a de Gustavo de Lacerda na associação, após sua morte em 1909, além de ter trabalhado com ele n’*O Paiz*. Isso o coloca, por certo, como um interlocutor a ser considerado, ainda que suas posições estivessem transpassadas por julgamentos racistas contra Lacerda, juízos que escapavam em suas conjecturas sobre a suposta falta de cultura e intelecto do repórter, compensadas pela sua persistência. De qualquer maneira, ele mostrava logo no primeiro parágrafo de suas reminiscências, intituladas *A Fundação Gustavo de Lacerda*, para onde o repórter endereçava seus esforços

Meu colega, dizia-me certa noite Gustavo de Lacerda na sacada do jornal em que ambos trabalhávamos; ele, repórter, eu, colaborador político e, frequentes vezes, redator-chefe durante os achaques do seu diretor principal – o jornalismo entre nós não é uma profissão: ou é oito ou é escada para galgar posições. E, apontando para a calçada onde ali, a rua do Ouvidor, no vão das portas cerradas de duas grandes folhas vizinhas, alta noite se instalavam uns **cafés ambulantes**, acrescentava com profunda mágoa: “Veja, repare bem, é nessas canecas imundas que, de momento a momento, vão matar a fome os párias da nossa imprensa! Nós somos os últimos proletários do Brasil!”⁷³

Não se pode negligenciar a busca pelo efeito retórico de um parágrafo de abertura, especialmente em um livro de memórias de um político e jornalista tão experimentado, escrito quando a ABI já estava consolidada na década de 1930. Da mesma forma, também não se pode esquecer o experimentado propagandista de tantas campanhas como foi Gustavo de Lacerda. Ambos os cenários, portanto, alertam para exageros, mas o fato é que essas afirmações iam de encontro tanto ao ideário quanto à experiência do repórter. Se por um lado ele estava convicto da necessidade de amparar e organizar “os últimos proletários do Brasil”, por outro estava atento para a necessidade de constituir uma base alargada e estável para o bom funcionamento da associação, o que incluía atrair sujeitos como Abranches para as fileiras de sócios.⁷⁴ Além disso, o repórter estava inteirado das iniciativas estrangeiras do mesmo tipo, especialmente das várias entidades francesas, o que lhe foi viabilizado pelo próprio deputado ao trazer a pedido os estatutos dessas congêneres no retorno de uma missão oficial, pelo ministério de Rio Branco.⁷⁵ A criação de uma associação em detrimento de um sindicato, portanto, estava num horizonte estudado.

Dessa maneira, se Gustavo de Lacerda estava municiado dos elementos necessários para colocar a Associação de Imprensa em prática, havia muito a se costurar para que ela, de fato, ganhasse corpo. Inicialmente a adesão ao projeto foi bastante baixa e apenas nove pessoas compareceram à reunião de fundação da organização, ocorrida na sala da Caixa

73 ABRANCHES, op. cit., p. 3.

74 ASSOCIAÇÃO de Imprensa: a sessão de instalação. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 jan. 1909.

75 ABRANCHES, op. cit., p. 11-12.

de Beneficência dos Empregados d'O Paiz.⁷⁶ Todos os que compareceram eram, também, repórteres, e uma parte considerável deles eram colegas de redação de Lacerda, apesar do amplo chamamento divulgado na imprensa do Rio de Janeiro.

Diante de condições pouco animadoras, a diretoria foi constituída por seis desses sujeitos, de acordo com notícia do dia 9 de abril de 1908: Gustavo de Lacerda, Francisco Souto, Luiz Honório, Arthur Marques, Alfredo Seabra e Alberico Daemon.⁷⁷ Porém, há divergências entre essa lista de nomes e os que efetivamente constaram como fundadores nos estatutos publicados no *Diário Oficial*, sugerindo mudanças no transcorrer do ano. As normas foram registradas apenas em 27 de novembro de 1908, mês da instalação da associação, e nelas não constava Alberico Daemon, mas sim outros quatro sujeitos: Noel Baptista, Manoel Martins de Amorin Júnior, Mário Galvão e Belisário Soares de Souza Júnior.⁷⁸

Os objetivos gerais da entidade, mencionados na mesma notícia de 9 de abril, foram explicitados com mais exatidão no artigo 1º dos estatutos

[§]1º. Criar e manter uma caixa de pensões e auxílios para, no caso de necessidade, socorrer os sócios e suas famílias;

[§]2º. Manter nas mesmas condições o serviço de assistência médica e farmacêutica;

[§]3º. Criar e manter o Retiro da Imprensa, com enfermaria e residência para velhos e enfermos;

[§]4º. Habilitar com títulos de capacidade moral e intelectual o pretendente à colaboração no jornalismo;

[§]5º. Criar e manter o escritório de imprensa para serviço de relações entre a imprensa nacional e estrangeira;

[§]6º. Criar e manter um ou mais escritórios de informações completas, abrangendo os serviços de terra e mar, entrega de pequenos volumes e recados a domicílio, agências de carros, automóveis, hotéis, restaurantes etc. (...) ⁷⁹

Além disso, o artigo 2º determinava a criação de um *Anuário da Imprensa Brasileira* e a instituição de uma carteira jornalística que identificasse o sócio e lhe fornecesse um atestado de identidade e recomendação. Por fim e fundamentalmente, ainda estabelecia quatro categorias para a qual seria expedida a carteira jornalística: escritores, jornalistas, repórteres e informantes.

Havia, portanto, duas vertentes estabelecidas nos dois artigos que abriam as normas da Associação de Imprensa. A primeira apontava para o caráter de assistência destinada a sócios e familiares, remontando a longa tradição das mutuais no Brasil.⁸⁰ Particularmente chama a atenção

76 Cf. LEUENROTH, Edgar. **A organização dos jornalistas brasileiros 1908-1951**. São Paulo: Com Arte, 1987. p. 68. ABRANCHES, op. cit. p. 14.

77 ASSOCIAÇÃO de Imprensa. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 1, 9 abr. 1908.

78 BRASIL. Sociedades Civas: Estatutos da Associação de Imprensa, **Diário Oficial**, op. cit., p. 2.021.

79 Idem, p. 7.019.

80 Ver CASTELLUCCI, Aldrin A. S. A luta contra a adversidade: notas de pesquisa sobre o mutualismo na Bahia (1832-1930). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 40-77, 2010. CORD, Marcelo Mac. Redes de sociabilidade e política: mestres de obras e associativismo no Recife oitocentista. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 109-125, 2010.

o projeto de criação de uma casa de repouso para os profissionais idosos e enfermos, iniciativa apontada como a prioridade para Gustavo de Lacerda. A segunda vertente dizia respeito ao estabelecimento de controle profissional sobre os trabalhadores da imprensa, com regramento e registros que passavam pela criação dos anuários, das carteiras profissionais e cursos de capacitação para aqueles que tivessem interesse nesse campo. Buscava-se claramente meios de controlar o exercício das profissões relacionadas à imprensa. Desse modo, é fundamental observar quem poderia se associar, a fim de estipular o terreno sobre o qual agiriam

Art. 3º. Para ser admitido como sócio desta Sociedade, é necessário:

- a) Exercer o lugar de repórter ou redator em qualquer dos jornais diários, periódicos ou revistas de publicação efetiva, com mais de um ano de existência e conceito entre os principais órgãos de publicidade;
- b) Ser colaborador efetivo de jornais ou revistas, nas condições citadas, ou autor de livros literários ou científicos, que afirmem os direitos a um lugar entre os escritores;⁸¹

Estar ligado a um veículo reconhecido e com alguma longevidade era mandatório para o ingresso na associação, ao menos no que dizia respeito aos homens de imprensa. Essa restrição colocava barreiras a um universo inteiro de pequenos e efêmeros periódicos que circulavam na capital da República. Além disso, é fundamental destacar que as ocupações possíveis para jornalistas, repórteres e informantes eram apenas duas, a de redator ou de repórter, mostrando a separação de funções nos escritórios dos veículos. Já para a categoria dos escritores também havia a possibilidade de ingresso através da análise pelos pares de livros publicados, um procedimento que indicava que os contornos do ofício ainda eram incertos, evidenciando seu baixo grau de profissionalização.

Estipuladas as normas e lançadas as bases para a instalação e consolidação da Associação de Imprensa, em novembro de 1908, é de fato surpreendente que Gustavo de Lacerda não tenha visto seu projeto plenamente estabelecido, já que o repórter faleceu no ano seguinte, deixando seu mandato por completar ao vice-presidente de sua chapa. Dunshee de Abranches assumiria a gestão subsequente afirmando dar continuidade aos ideais da Fundação Gustavo de Lacerda, e seguiria as disposições estatutárias, que impediam permanentemente que os fins sociais fossem alterados, além de qualquer fusão com outra entidade. Diante disso, a trajetória do repórter deve ser considerada da maior importância nos estudos sobre a imprensa em um período de tantas mudanças, enfatizando o fato de que um homem negro, socialista, advindo do movimento operário tenha sido central para a organização dos trabalhadores da imprensa no Brasil. E o que isso pode revelar sobre a formação da imprensa durante a Primeira República.

Recebido em 25/10/2021

Aprovado em 30/12/2021

81 BRASIL. Sociedades Civis: Estatutos da Associação de Imprensa, **Diário Oficial**, op. cit., p. 7.019.